

ENTREVISTA

“Professores fazem autênticos milagres”

Isabel Freitas, presidente da Escola Jaime Moniz

TÂNIA COVA
tcova@dnoticias.pt

Assumi o Conselho Executivo da Escola Secundária Jaime Moniz em Julho de 2018. Como é gerir uma instituição com 183 anos de história? É um desafio. Gerir e liderar uma escola com esta dimensão, com quase 2.500 alunos, cerca de 250 professores e 70 funcionários, não é fácil. É um desafio que este Conselho Executivo abraçou e pretende levar a efeito, para que o ensino seja cada vez melhor e para que possamos corresponder aos anseios da comunidade educativa. Pretendemos melhorar a formação na Escola Secundária Jaime Moniz para responder aos alunos que nos procuram e aos seus encarregados de educação.

E procuram o quê? Queremos no fundo ajudar nos desafios que os pais e os alunos têm para eles próprios. Sabemos que a nossa escola está desde sempre orientada para o ingresso no Ensino Superior. A maioria dos pais quando nos procura acredita que os filhos vão seguir para o ensino superior, de modo que temos de prepará-los duplamente, para concluir o ensino secundário e para obter boas classificações para poder entrar na universidade. Mas temos outros casos. Temos pais que chegam cá e dizem: ‘o meu filho tem o sonho de vir estudar para esta escola’. Estou a falar de jovens que vêm de zonas rurais, andam horas de autocarro, porque têm o sonho de estudar na Jaime Moniz. Evidentemente que a nossa história é conhecida na Região.

O modelo educativo, tal como está, tem merecido críticas, inclusive por parte dos docentes? Estamos perante um sistema que parou no tempo? Não acredito nisso. Tenho por hábito fazer reflexões na área da educação. Gosto muito de ler sobre esta temática e, de facto, as palavras que mais aparecem quando nos referimos à educação são inovação e mudança. Eu, desde que cheguei ao ensino, passei por várias reformas que implicaram sempre mudança, sempre inovação. Por isso não acredito que estejamos parados no tempo.

O que vejo é que os docentes fazem questão de se modernizar para



Isabel Freitas, presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Jaime Moniz. FOTO HÉLDER SANTOS/ASPRESS

efectivamente responder aos projectos dos alunos, aos novos processos de aprendizagem. Com a Internet, com as novas tecnologias, ensinar pode ser mais difícil do que era quando eu era aluna. Hoje o conhecimento chega a todos de qualquer maneira. É fácil chegar a ele, mas defendo que precisamos de alguém para nos orientar.

Ao professor compete abrir caminhos, abrir mentes, despertar os alunos. No final de contas, o fundamental do ensino é lançar sementes. E é isso que fazemos. É mais difícil agora? É. No entanto, os professores têm respondido bem às novas abordagens pedagógicas. O que não quer dizer que não seja preciso recorrer ao método expositivo. Por vezes, o professor tem de sistematizar, o aluno precisa de ter balizas, mas também nisso está a adquirir competências.

É há tempo para tudo isso? Ouço, de facto, muitos colegas se queixarem de uma dimensão burocrática muito elevada. Evidentemente que há

OS PAIS SABEM QUE SOMOS UMA ESCOLA ORIENTADA PARA O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

coisas que temos de ter, como regimentos, projectos educativos, regulamentos internos. Mas confesso que nesta escola as coisas estão bem estruturadas.

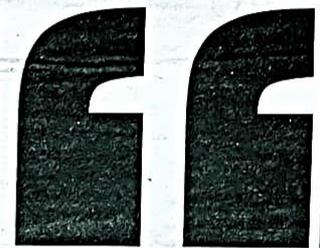
As agressões a docentes parecem estar na ordem do dia. É um problema que chega também ao ‘Liceu’? É uma situação preocupante para os docentes, os enfermeiros, os médicos, para todos aqueles que são agredidos. Qualquer uma destas profissões é válida e todas as pessoas merecem ser respeitadas. A profissão docente precisa de ser credibilizada. Se calhar já começamos a fazer esse percurso. As pessoas vão ver que sem uma classe docente credibilizada

será muito difícil qualquer outra profissão também ser credibilizada.

O que está a falhar? Se calhar isto acontece porque alguém alimenta esse tipo de comportamento. Mas também há pessoas que valorizam a profissão docente. E de facto tem de ser valorizada. Não só valorizada pela componente salarial, mas também pelo respeito que uma sociedade atribui aos seus docentes.

Parte da sociedade esse respeito? Parte de todos nós. Da sociedade, do poder político, da educação que damos em casa aos nossos filhos. O próprio docente deve se fazer valorizar. Assumimos um papel fundamental no construir das próximas gerações.

Sobretudo nos anos recentes, de crise, alguma comunicação social, alguns ‘opinion makers’, vieram a público com afirmações que descredibilizam a classe docente. Era tempo de essas pessoas acompanharem o trabalho dos professores numa escola, numa sala de aula. Há professores que



GERIR UMA ESCOLA COM ESTA DIMENSÃO NÃO É FÁCIL. CERCA DE 2.500 ALUNOS E 250 PROFESSORES

fazem autênticos milagres com os seus alunos.

Temos alunos que querem ir para o ensino superior, e têm os seus projectos bem definidos, mas temos também alunos que ainda estão à procura do seu caminho. Que faltam às aulas, que não sabem bem aquilo que querem, que precisam de apoio. Não temos assistido a casos de agressões. Felizmente. O que notamos em alguns alunos é falta de vontade para aprender. A indisciplina aumentou, nesse sentido, em termos verbais, comportamentos disruptivos.

Compete a toda a sociedade intervir no processo educativo. A Escola Secundária Jaime Moniz tem contado com o apoio de mecenas? Recentemente inauguramos a Sala de Ambientes Inovadores de Aprendizagem. Só o pudemos fazer com o apoio de um mecenas. Quando esta equipa se apresentou ao Conselho Executivo fazia parte do nosso plano procurar apoios lá fora. As escolas estão integradas num meio e porque não procurar o tecido empresarial. Neste momento, os orçamentos das escolas provêm do Governo Regional, mas não são suficientes e tentamos sempre fazer algo de melhor para a aprendizagem. Boas condições podem facilitar a motivação. Somos uma escola com história, mas esse reconhecimento é para nós um desafio. Temos de continuar a trabalhar.